

OPERAÇÃO SEVANDIJA

Em entrevista, promotor líder da Sevandija admitiu existência do material da Spoofing

Em entrevista ao Grupo Thathi de Comunicação, em 2021 – primeiro veículo a divulgar a existência do material da Spoofing –, o promotor Leonardo Romanelli, que comandava a força-tarefa da Sevandija, admitiu a existência do grupo e afirmou saber da existência do material.

Ele declarou, na ocasião, não poder confirmar se todos

os diálogos aos quais a Thathi teve acesso foram travados pelos integrantes da força-tarefa. “Primeiro, esses vazamentos são obviamente prova ilegal, obtidos através de uma ação criminosa. Ainda que não o fossem, esses diálogos não foram apresentados no processo, não podem sequer significar qualquer tipo de prova. E, por último, ainda que isso tivesse ocorrido, não há qualquer

irregularidade no conteúdo das conversas”, afirmou Romanelli.

“A gente tinha um grupo, criado no Telegram, para manter contato sobre as investigações da Operação Sevandija”, disse o promotor. “Sabíamos que houve interceptação ilegal de parte das conversas, mas salientamos que não há nada de irregular ou ilegal nessa comunicação”, informou.



Leonardo Romanelli, promotor que liderou as investigações da Sevandija

“Ele estava disposto a ceder, mas não completamente.”

Confira os bastidores da negociação da delação premiada de Marcelo Plastino e as ferramentas utilizadas pelo MP para forçar o acordo

EDUARDO SCHIAVONI

Marcelo Plastino tirou a própria vida pouco após completar 50 anos, em 25 de novembro de 2016. Em um ato desesperado, deu um tiro na têmpora. Foi encontrado pela então namorada, Alexandra Martins Ferreira, no banheiro de seu apartamento, situado em um edifício no Jardim Botânico, Zona Sul de Ribeirão Preto. Era proprietário da Atmospha Empreendimentos, empresa acusada de integrar o esquema de corrupção investigado na Operação Sevandija, o que foi, segundo muitos, a chave para sua morte.

Mas contemos a história. Era por meio de sua empresa que a Prefeitura de Ribeirão Preto contratava funcionários terceirizados indicados por políticos, em um esquema de corrupção investigado pelo Ministério Público durante o governo da ex-prefeita Dárcy Vera. Através de Plastino, Dárcy encontrava espaço para indicados políticos trabalharem na administração sem concurso, prática ilegal.

Quando os crimes foram desnudados, com a prisão de dezenas de autoridades, o Ministério Público se interessou por uma delação premiada que revelasse a extensão do esquema de corrupção que, no entender do MP,

movimentou mais de R\$ 220 milhões em Ribeirão.

“Plastino era fundamental [para o MP]. Por isso, havia muito interesse em obter essa delação. Ao mesmo tempo, o MP, ao que me parece, queria vender caro, o que incluía não apenas a condenação, mas também os bens”, afirma Alamiro Veludo Neto, advogado de Plastino durante a negociação da colaboração premiada – e que ainda atua no caso para desbloquear o patrimônio do empresário – avaliado, na época, em R\$ 23 milhões.

Veludo acredita que ele tenha sido “levado a um estado de desespero”. “Ele estava disposto a ceder, mas não completamente. Havia a questão patrimonial, que estava sendo discutida. E havia o MP, que, ao menos em parte, queria vender caro a delação. Foi muito precipitado. Mas isso acabou levando ao suicídio [de Plastino]”, analisa.

EXPEDIENTES

Plastino foi preso em 3 de setembro, ao retornar, ao lado da namorada, de uma viagem internacional, no aeroporto de Guarulhos. Os arquivos obtidos pelo Jornal Ribeirão mostram que os integrantes da Força-Tarefa da Sevandija discutiram abertamente, em 5 de novembro, a transferência de Plastino do Centro de Detenção Provisória (CDP)

de Ribeirão Preto para o CDP de Serra Azul, com o intuito de forçar a delação.

As conversas revelam que a medida foi sugerida pelo promotor Marcel Bombardi, sendo a estratégia acatada pelo delegado Flavio Vietez, que argumentou, ainda, que, isolado, o empresário estaria mais propenso a negociar. No dia seguinte, o mesmo promotor reclama do fato de os presos da Sevandija ainda estarem todos juntos e conversa com um funcionário do CDP para que fossem separados.

Não foi, entretanto, o único expediente utilizado pelo Ministério Público. Em conversa na qual fazem inventário dos bens presentes no apartamento de Plastino, Luiz Janones, agente da Polícia Federal, recomenda fazer a apreensão dos bens “só para dar o desgosto para ele [Plastino]”. Dias depois, falam em apreender outros objetos, como televisores, ressaltando que o filho de Marcelo, Pedro Plastino, deveria ser avisado. “Vou dar dor de cabeça para esse FDP”, diz o promotor Marcel, no grupo.

CELEBRAÇÃO

Embora marcada pela informalidade e, em certa medida, pela falta de bons modos, a comunicação dos integrantes do grupo do Telegram atingiu um novo

patamar no fim da noite de 25 de novembro, data do suicídio de Plastino. A informação sobre o ocorrido chegou ao grupo às 23h45, pouco depois do registro da morte.

Coube ao promotor Marcel Bombardi informar a todos que ele havia se matado “com um tiro na cabeça”. “Estou bebendo essa para ele”, disse Marcel, no grupo, enviando na sequência a foto de uma garrafa de cerveja chamada “Roleta Russa”. Ele ainda informou que faria “questão de dar a coletiva” e perguntou “se a Glock [pistola] foi devolvida”.

ANÁLISE

A namorada de Plastino, Alexandra, chegou a afirmar, logo após a morte, que o empresário apresentava quadro de depressão agravado pelos problemas legais enfrentados – o que jamais foi comprovado documentalmente. Quatro fontes distintas, que solicitaram anonimato mas participaram das investigações, confirmaram a informação.

A psicóloga Fernanda Saviani Zeoti, doutora pela Universidade de São Paulo (USP), pondera que não se pode afirmar com segurança que a morte de Plastino tenha sido atribuída exclusivamente à pressão sofrida pelo empresário. Contudo, segundo ela, esse cenário certamente foi um dos fatores influentes.

“De fato, houve uma pressão muito grande sobre ele. Cria-se a hipótese de que tenha sido demais para ele, mas essa situação precisa ser analisada com profundidade. Existe, de fato, toda uma pressão sobre ele. Muitas pessoas não conseguem suportar, e esse não conseguir pode se manifestar de várias formas: a pessoa pode adoecer psiquicamente, pode surtar, pode partir para outros relacionamentos ou pode recorrer ao suicídio”, avalia.

PRESSÃO

Outro ponto relevante para entender a morte de Plastino diz respeito ao filho dele, Pedro. O jovem participou ativamente do processo de delação, conversando cotidianamente com o pai sobre a administração dos negócios e falando inclusive com integrantes do MP e advogados para negociar.

Em uma das conversas, Pedro é chamado de “viadinho” pelo promotor Marcel, que pergunta se os bens de Plastino serão levados para um depósito ou deixados sob os cuidados da família. “Não é melhor depositar para o viadinho do Pepe [Pedro]?”, diz Bombardi.



Marcel Zanin Bombardi, promotor do MP que comemorou suicídio